

Manifesto de Córdoba e a construção da cidadania¹

The Cordoba Reform and the construction of citizenship

Josué Adam Lazier²

RESUMO

Este texto apresenta breve leitura teológica do Manifesto de Córdoba de 1918 com o referencial do profetismo para assinalar os principais apontamentos do Movimento Estudantil de Córdoba, destacando-se a construção da cidadania como patrimônio coletivo da sociedade, ou a responsabilidade social da Universidade. Neste viés do profetismo, o anúncio e a denúncia se fazem presentes no referido documento centenário, apontando os equívocos da educação universitária da época bem como os caminhos a serem percorridos para o desenvolvimento de uma educação livre, laica, democrática e inserida na realidade. Para esta leitura, destacam-se movimentos de libertação, em especial a educação libertadora e humanizadora que promovem a busca pela transformação e pela cidadania para todos.

Palavras-chave: Manifesto de Córdoba. Cidadania. Educação. Extensão Universitária.

ABSTRACT

This essay presents a brief theological reading of the Cordoba Reform of 1918 with the referential of propheticism to mark the main notes of the Student Movement of Cordoba, highlighting the construction of citizenship as a collective patrimony of society, or the social responsibility of the University. In this bias of propheticism, the announcement and denunciation are present in the aforementioned centenary document, pointing out the misconceptions of the university education of that period as well as the paths to be followed for the development of a free, secular, democratic and inserted in reality education. For this reading, are highlighted liberation movements, especially the emancipatory and humanizing education that promotes the search for transformation and citizenship for all.

Keywords: Cordoba Reform. Citizenship. Education. University Extension.

1 INTRODUÇÃO

“A autoridade em um ambiente de estudantes, não se exercita mandando, mas sim seguindo e amando: ensinando”
(MANIFESTO DE CÓRDOBA)

¹ O presente ensaio resulta da palestra apresentada no XXV Encontro Nacional do ForEtxt – Fórum de Extensão e Ação Comunitária das Instituições Comunitárias de Ensino Superior, realizado nos dias 29 e 30 de outubro de 2018, em celebração aos 100 anos do Manifesto de Córdoba.

² Graduado em Teologia pela Universidade Metodista de São Paulo – UNIMEP (1982); Mestrado em Teologia Bíblica pelo Instituto Superior de Estudios Teológicos - Argentina (1990); Doutorado em Educação pela UNIMEP (2010). Professor de Teologia e Cultura e Coordenador do Núcleo de Estudos e Programas em Educação e Direitos Humanos da UNIMEP. E-mail: josue.lazier@unimep.br.

O tema Educação, Cidadania e Direitos Humanos perpassa os caminhos das Instituições de Ensino Superior nos países da América Latina, tendo em vista os diferentes momentos da história do contexto latino-americano, marcado pela colonização e pela dominação de grupos que ascendem aos poderes políticos e econômicos, sobretudo governos militares e ditatoriais.

Em contrapartida, surgem no mesmo contexto latino-americano movimentos de libertação e transformação social, denunciando as ações dos governos que fragilizam a vida da população e que criam espaços de marginalização no contexto social, mas também anunciando caminhos de superação do sistema de opressão.

2 MARCOS

Um desses principais marcos é o Manifesto de Córdoba, de 1918, manifestação de estudantes argentinos que aponta novos caminhos para a Universidade na América Latina em termos de inserção social, democratização do ensino, autonomia e extensão universitária, tendo o estudante como protagonista das ações de transformações da realidade e desenvolvimento humano. Trata-se de um documento que denuncia e anuncia uma universidade dogmatizada e ensimesmada.

O Manifesto e a Reforma de Córdoba destacam a importância de a comunidade acadêmica latino-americana perceber a realidade, dialogar com os movimentos sociais e populares, perceber as pessoas e seus saberes e se inserir nas diferentes realidades para atuar, juntamente com as pessoas das comunidades, na construção da cidadania e dos direitos humanos e no desenvolvimento do conhecimento.

3 PROFETISMO

Coloco o Manifesto na perspectiva do profetismo. Valho-me da perspectiva vetero-testamentária para abordar o profetismo, entendido como movimento inserido na realidade e que proclama, ou anuncia, e denuncia os acontecimentos vivenciados no contexto histórico, e não movimento enquanto “leitura” de acontecimentos futuros ou “adivinhação”.

Nesse sentido, é importante assinalar a tensão denúncia / anúncio, pois o documento de Córdoba aponta a superação da mera transferência de conhecimento para uma educação transformadora, emancipatória e comprometida com o contexto histórico. Criar uma nova perspectiva de educação para a cidadania, além de inserir nos meandros acadêmicos e administrativos o tema direitos humanos e direitos fundamentais do cidadão são caminhos que se abrem com o Manifesto dos estudantes argentinos.

Nessa esteira de reflexão, ou seja, da tensão entre a denúncia e o anúncio ou do profetismo, o educador Paulo Freire afirma que “somente podem ser proféticos os que anunciam e denunciam, comprometidos permanentemente num processo radical de transformação do mundo, para que os homens possam ser mais” (FREIRE, 2005, p. 32). Parece-me que isso ocorre no Manifesto.

Para ele, o profeta não é um sujeito romântico, preocupado com suas vestes e proclamador de palavras sem sentido, pelo contrário,

O profeta é o que, fundado no que vive, no que vê, no que escuta, no que percebe, no que entende, a raiz do exercício de sua curiosidade epistemológica, atento aos sinais que procura compreender, apoiado na leitura do mundo e das palavras, antigas e novas, à base de quanto e como se expõe, tornando-se assim cada vez mais uma presença no mundo à altura de seu tempo, fala, quase adivinhando, na verdade, intuindo, do que pode ocorrer nesta ou naquela dimensão da experiência histórico-social. (FREIRE, 2000, p. 54).

Para Freire, ainda,

Os profetas são aqueles e aquelas que se molham de tal forma nas águas da sua cultura e da sua história, da cultura e da história de seu povo, dos dominados do seu povo, que conhecem o seu aqui e o seu agora e, por isso, podem prever o amanhã que eles mais do que adivinham, realizam. (FREIRE, 1982, p. 101).

Assim, o profetismo (denúncia / anúncio) implica este ato de denúncia da realidade dura, opressora, discriminadora e que nega a vida na sua integralidade, bem como no ato do anúncio de uma vida transformada. O profeta não fala de coisas que acontecerão, mas sim que poderão acontecer ou que poderão vir a ser. Não se trata de mensagem determinista ou de promessas que acontecerão de forma mágica, pelo contrário, a realidade opressora pode ser transformada pela ação do povo que, impulsionado pela mensagem do profeta, ou dos diferentes movimentos de libertação, alimenta o sonho de transformação e atua para que isto aconteça.

O Manifesto é profético quando afirma que “só poderão ser mestres na República universitária os verdadeiros construtores de almas, os criadores da verdade, da beleza e do bem”. Numa perspectiva de construção da cidadania, o que significa indicar que para a democracia e a dignidade da vida humana não cabem posicionamentos educacionais dogmatizados, fundamentalistas e autoritários, mas sim perspectivas afirmativas da diversidade humana, das liberdades individuais, das dúvidas e da busca pelo conhecimento e pela descoberta de um novo saber.

Cito Hugo Assmann (sociólogo, filósofo, teólogo, um dos idealizadores da Teologia da Libertação), que aborda o tema do profetismo ao afirmar que não basta que o profeta radicalize a solidariedade, pelo contrário, o sentido utópico do anúncio e da denúncia, são perspectivas que impulsionam a busca por uma sociedade onde os direitos são respeitados. Assim se expressa Assmann:

Não seria melhor restituir ao termo *u-topia* o sentido forte de horizonte para além do realizável (*outópos*=não-lugar), mas que tem a função de pólo atrator radical, irrealizável como tal neste mundo, mas dinamizador e direcionador de todos os passos da esperança? (ASSMANN, 1996, p. 226).

Também cito Elias Boaventura, educador brasileiro, quando afirma que “A escola não é estática, não esgota sua tarefa na transmissão do saber organizado, mas ao contrário, deve constituir-se em centro de permanente denúncia a todo e qualquer tipo de discriminação e dominação. (BOAVENTURA, 1983, p. 32).

Esses dois educadores corroboram a perspectiva profética da educação que propicia a construção da cidadania.

4 MOVIMENTOS

Entre os movimentos importantes a destacar, que anunciam e denunciam, e que surgem na década de 1960, estão a Pedagogia da Libertação, por meio do Educador Paulo Freire, a Teologia da Libertação, promovida por católicos e protestantes comprometidos com uma leitura latino-americana da Bíblia e dos Evangelhos, e a Filosofia da Libertação, apontando rumos e estimulando a luta pela conquista dos direitos humanos e a plena cidadania.

No Brasil, em meio ao governo militar, Instituições de Ensino Superior Confessionais e ou Comunitárias introduzem em suas políticas acadêmicas o tema da cidadania, na perspectiva de cumprir com sua função social, conforme apontada pelo Manifesto de Córdoba de 1918. A grande maioria das Instituições Comunitárias surge entre os anos 1940 e 1970, em pleno movimento de organização popular e reformas sociais no contexto latino-americano, com a marca do compromisso social, principalmente por meio de ações que visam à construção da cidadania.

5 CIDADANIA

É necessário afirmar que a cidadania não pode ser compreendida de forma abstrata, ou meramente jurídica, como um conjunto de direitos e deveres básicos, que sejam para todas as pessoas, mas sim o acesso real e ao exercício efetivo dos direitos e ao cumprimento dos deveres por todas as pessoas. Para a vivência da cidadania com dignidade, o mínimo existencial deve estar ao alcance de todos, e um deles é a educação emancipatória.

Construir a cidadania por meio de ações extensionistas é ler a realidade (diferentemente de “espíar” sob a ótica dos poderosos e das elites), é aproximar-se das diferentes situações que a realidade aponta, é ouvir os clamores dos que “são menos” numa sociedade capitalista e desumanizadora, é dialogar mediado pelo contexto histórico e pela força de transformação da realidade, é construir junto com os outros sujeitos históricos. Afinal, “Educação não transforma o mundo. Educação transforma pessoas. Pessoas transformam o mundo” (FREIRE, s/d, s/p.).

Conforme registrei em minha Tese de Doutorado, para Paulo Freire (2008) o ser humano tem por vocação natural ser sujeito e não objeto que venha a ser passivo e sem qualquer participação na sua própria história. E como sujeito é um ser inacabado que se constrói na relação constante com o ambiente histórico, ou seja, o mundo, e com os outros sujeitos que também habitam o mesmo ambiente histórico e com os quais se relaciona sob o impacto da realidade onde estão inseridos.

A dignidade humana é o valor fundamental da cidadania. Sem dignidade não haverá cidadania. A dignidade humana está presente entre os direitos humanos e os direitos fundamentais de um cidadão: direito à vida; à igualdade; à integridade física; moral e psíquica; à autonomia e ao mínimo necessário para subsistência.

Dessa forma, a cidadania é construção, não de forma individual, mas coletiva, pois a dignidade da vida é conquistada na vida, na luta pelos direitos humanos, na interação e no diálogo entre as pessoas que possuem a força de superação e de transformação, entre sujeitos ativos e autores de sua história.

Diante deste valor acadêmico da Universidade, não dá para ficar passivo, ou se colocar na condição de objeto do processo educacional, e nem ficar indiferente ao que ocorre fora dos muros que cercam um campus, mas, pelo contrário, se inserir nos processos de aprendizagens gerados pelo ensino, pesquisa e extensão, pois não há sentido em frequentar uma sala de aula e não sentir, ou aprender a sentir, o cheiro da vida, o cheiro do chão onde brota a vida.

Parafraseando Kant, que nos legou a frase *ouse pensar*, a construção da cidadania nos leva a ousar dignificar a vida, ousar construir os direitos que garantam a dignidade humana, ousar ser cidadão, ousar pensar com a própria cabeça, ousar sair do ensimesmamento, ousar construir um momento novo. O convite está feito. Quem vai sair do seu conforto/casulo para construir a cidadania como patrimônio coletivo?

Os estudantes de Córdoba responderam. A partir do Manifesto, a missão educacional ganha novos contornos, ou seja, preparar cidadãos conscientes, conscientizados, humanizadores e com a capacidade dialógica e de interação com as mais diferentes realidades do nosso continente latino americano, a fim de contribuir para a construção da vida digna, da cidadania e do bem comum.

A educação deve contribuir para a construção do sujeito que está em transformação e formação de uma consciência crítica. Uma educação que leva em conta o contexto de vida, a história, o saber e a cultura dos educandos e que seja, ao mesmo tempo, instrumento que leve o educando a reflexão sobre a sua vocação enquanto sujeito da história. (LAZIER, 2010, p. 52).

Hoje se faz necessário outro grito dos estudantes latino-americanos, pois, me parece, a Universidade está silenciosa ou foi silenciada, e quem pode contribuir para afastar esta apatia, são estudantes, irrequietos, curiosos, que estão à procura de transformação.

Eu incluo neste grito a intolerância, seja religiosa, política, social, econômica, etc., pois ela é a negação do outro, negação o direito do outro e negação da cidadania. A intolerância se agrava pelo viés fundamentalista, dogmático e excludente, promotora, portanto, de violências, de conflitos e de guerras. Os estudantes de Córdoba afirmaram, profeticamente, que o dogmatismo presente no ensino daquela época contribuía para afastar a Universidade da ciência e das disciplinas modernas.

Outro grito é o da denúncia da mercantilização da educação, que deveria alinhar qualidade com a responsabilidade social e está se transformando numa mera mercadoria vendida a granel numa grande feira e sem qualquer preocupação com a formação cidadã e com o protagonismo do estudante. A Universidade está se transformando numa uniformidade e cuja forma é a do mercado e a da economia, numa perspectiva fundamentalista e, portanto, excludente.

6 CONCLUSÃO

Ao discorrer sobre o Manifesto de Córdoba e relê-lo a partir do profetismo, ressalta-se a construção da cidadania como função da Universidade, superando, assim, o modelo de educação dogmática, autoritária, distanciada da realidade e que não admitia a dialogicidade entre os atores do

processo educacional. Portanto, o documento se apresenta como profético, ao anunciar e denunciar a educação preconizada na década de 1910.

Para corroborar estes apontamentos, destaco Hugo Assmann, que propõe a metáfora do encantamento da vida presente como opção para os processos de aprendizagens que levem para a transformação, emancipação, autonomia e libertação. Para ele, “revolucionários tristes só podem fazer tristes revoluções” (ASSMANN, 1986, p. 233).

O encantamento é o “saboreamento” da graça naquilo que fazemos. Se o mundo se apresenta feio, precisamos reorganizar a esperança e reconstruir em nós a exigência da beleza (ASSMANN, 1986, p. 234). Não seria isso que os estudantes argentinos buscavam em 1918: transformar o mundo feio em um lugar aprazível onde coubessem / caibam todos? Acredito que sim e o grito estudantil de 1918 continua a ressoar, embora estejamos vivenciando um momento de silêncio obsequioso da Universidade e na Universidade da América Latina. Mas resta a esperança, mesmo que utópica, mas alcançável pela ação dos sujeitos históricos conscientizados e conscientizadores, sejam eles docentes ou discentes, pois os processos de aprendizagens numa perspectiva transformadora fazem todos “proféticos” enquanto inseridos na realidade para construir em conjunto os processos humanizadores da vida e da sociedade.

REFERÊNCIAS

- ASSMANN, Hugo. **Metáforas Novas para Reencantar a Educação** – epistemologia e didática. Piracicaba, SP: Editora UNIMEP, 1996.
- BOAVENTURA, Elias. Análise do Documento As Diretrizes para a Educação na Igreja Metodista. In: **Reflexão sobre o Documento “Vida e Missão”**. Piracicaba, SP: Universidade Metodista de Piracicaba, 1983.
- FREIRE, Paulo. Educação: o sonho possível. In: BRANDÃO, Carlos Rodrigues *et al.* **O educador: vida e morte**. Rio de Janeiro/RJ: Graal, 1982.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo, SP: Editora UNESP, 2000.
- FREIRE, Paulo. **Conscientização – Teoria e Prática da Libertação**. São Paulo, SP: Centauro Editora, 2005.
- FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. São Paulo, SP: Editora Paz e Terra S/A, 2008.
- LAZIER, Josué Adam. **Diretrizes Educacionais da Igreja Metodista e Sua Aproximação com a Proposta de Educação Libertadora em Paulo Freire**. Tese de doutoramento apresentada à Banca de Defesa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Metodista de Piracicaba, SP: agosto de 2010.
- MANIFESTO DE CÓRDOBA. In: **A Reforma Universitária**. Buenos Aires, Argentina, 1959.